

Num projeto da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, os alunos da turma do 10.º D, da Escola Secundária Manuel de Arriaga (ESMA), encenaram uma sessão de julgamento de um crime de violação no namoro. A iniciativa contou com a colaboração de profissionais da área e visa distinguir os mitos e a realidade deste crime.

Flávia Taibo

tribunadasilhas@gmail.com

Teve lugar, na passada sexta-feira, no Auditório da ESMA, a apresentação da peça de teatro “Hoje, não!” - mitos e realidades da violação”, da autoria da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas - APMJ.

Encenada pelos alunos do 10.º D, a apresentação contou com a participação de Helena Serrão Nogueira, Magistrada Judicial, de Aurora Rodrigues, Magistrada do Ministério Público e vice-presidente da APMJ, das advogadas Joana Borges e Raquel Gomes e ainda de Marta Rocha, oficial de justiça.

Esta atividade decorreu no âmbito da componente de Cidadania e Desenvolvimento e teve como objetivo promover a simulação de um julgamento por violência no namoro.

Sugerida pela procuradora Rita Sousa, membro da APMJ, a ação foi concretizada pela professora Lívia Silveira e pela sua direção de turma com a colaboração de vários docentes e em especial da professora Maria Miguel.

“Uma vez que este ano temos um projeto que faz parte do currículo de Cidadania e Desenvolvimento do 10.º ano em que um dos temas a abordar é o dos direitos humanos pensámos que podíamos juntar o útil ao agradável e desenvolver um tema que é neste caso os direitos

“HOJE, NÃO!” - MITOS E REALIDADES DA VIOLAÇÃO

Sessão de simulação de julgamento diferencia mitos da realidade



humanos, mais especificamente o direito das mulheres e a questão da violência no namoro” e simultaneamente “desenvolver este projeto que passa por um julgamento por violência no namoro”, avançou Lívia Silveira ao Tribuna das Ilhas.

Os ensaios decorreram durante as aulas de Cidadania e Desenvolvimento, bem como nas restantes com a colaboração de todos os docentes que apoiaram este projeto.

A diretora de turma considerou como importante esta iniciativa “não só pela temática e pela questão da violência no namoro que é muito grave e recorrente na sociedade atual”, explicando que “ao contrário do que se pensa, acontece entre os jovens adolescentes, mas também entre os jovens universitários”.

Para a docente, este julgamento “serviu para despertar consciências, para alertar os alunos para os perigos, para terem consciência do que

é que podem fazer, o que é que diz a lei e que é preciso denunciar” estes casos, afirmando que também “conseguimos realizar dois objetivos: alertá-los para um problema muito grave e ao mesmo tempo consciencializa-los de que eles podem contribuir para a mudança e que devem fazer a diferença”.

Por sua vez, Helena Nogueira disse ser “muito gratificante perceber o empenho que os alunos põem neste tipo de projetos” que “os alerta para a violência do género, a importância de consentimento nas relações interpessoais e para o respeito pela vontade do outro”, de uma forma mais adequada para que os jovens interiorizem a informação.

Segundo a juíza, apesar de se ter de respeitar um guião na leitura da acusação e da decisão porque se pretende transmitir a mensagem de determinado sentido, esta simula-

ção está muito próxima da realidade.

A outra diferença, explicou a magistrada, é que na realidade este crime “seria julgado por um tribunal coletivo”, composto por três juízes, “mas por uma questão de logística e para ser mais simples há aqui um único juiz”.

Helena Nogueira salientou a gravidade do crime de violação que é punível com pena de prisão superior a cinco anos.

Para os alunos que interpretaram os papéis de arguido e de vítima, Vasco Silva e Carolina Albardeiro, respetivamente, esta atividade permitiu-lhes perceber que esta é uma realidade que não acontece só em becos ou lugares escondidos, mas também nas escolas e com pessoas em quem se confia. Os alunos aprenderam que todos têm o direito de serem livres nas suas escolhas e de estas serem respeitadas.

Esta encenação tem sido promovida em várias escolas do país, desde 2013, pela APMJ, “e tem sido uma forma muito importante de chegar aos jovens e fazer com eles uma reflexão sobre esta temática”, afirmou a vice-presidente da associação ao TI.

Para Aurora Rodrigues, “esta foi das melhores interpretações até agora” devido ao empenho e esforço dos alunos e dos professores.

“Hoje, não!” - mitos e realidades da violação” fala de Joana e Miguel, dois estudantes universitários, que se conheceram, simpatizaram um com o outro e começaram a sair juntos. Numa noite, Miguel leva Joana para sua casa e força-a a ter relações sexuais. Na sequência da queixa-crime apresentada por Joana contra Miguel, este é acusado de ter cometido um crime de violação.

No final da simulação foi dada a palavra aos estudantes para decidirem se Miguel deve ser absolvido ou condenado e também se no caso de condenado a pena deve ser efetiva ou suspensa na sua execução.

Neste julgamento, aos alunos envolvidos condenaram o Miguel a uma pena efetiva de quatro anos.

Ainda antes de ser lida a sentença, a procuradora Rita Sousa explicou aos alunos que assistiram a esta encenação que o facto de se dizer que um não de uma mulher quer dizer sim, ou que é só para se fazerem de difíceis é um mito. “Um não, significa não”, salientou.

Outros mitos passam pelo agressor ter de exercer violência física e a vítima de resistir ou gritar para que se possa falar de crime. ■